

INVICTA CINE

semanario ilustrado

DE

cinematografia



nº
144

Preço

50

centavos

LOST

Não deixem de
ouvir a voz ma-
ravilhosa de

Greta Garbo

NO SUPER-
FILME DA
M. G. M.

ROMANCE

que na proxima se-
gunda feira se
estreia no

AGUIA D'OURO



"SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS."

O Vínculo

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

N.º 144

REDACTOR PRINCIPAL

ROBERTO LINO

PORTO
4 DE NOVEMBRO
1931

ALVES COSTA

E

SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

Comp. e Imp. - DIARIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10 - Telef. 2300

Redacção e Administração: — Rua das Musas, 45 — PORTO - (Portugal).

A Arte do Cinema

Ainda não há muito tempo que, nas colunas duma certa revista cinematográfica, eu censurava a «literatura» de que se servem certos escrevinhadores arvorados em entendidos de cinema e que enchem os magazines que vemos dependurados à entrada das tabacarias.

Mas pior, ainda, são os conceitos que essa literatura nos revela. Carecem, primeiro que tudo, de falta de observação concisa. E' uma literatura inflamada pela fogosidade leviana dos novatos, que se entusiasmam pelo nú, pela vida privada dos artistas, pelas suas afinidades, pelos seus escandalos, pelos seus casamentos e divorcios... como se nisso se resume o agradável que o Cinema nos possa dar, como se na futilidade estivesse o apreço.

Essas pequenas coisas devem ser tomadas apenas como noticiário e não como juízo crítico de atuação artística. Essas pequenas coisas nada têm com o Cinema e mostrá-las como factor da Arte é uma iniquidade imperdoável.

O cinema, propriamente, é uma arte pura, grandiosa, e como tal deve ser olhada e apreciada. Nêle se descobre a inteligência em rasgos de inspiração e se apreciam os cérebros lutando numa ansia de originalidade, de renovação e movimento.

O Cinema sintetiza o Universo nas suas formas materiais e psicológicas—um tratado vasto de Ciência e Filosofia—as coisas de espírito, das religiões, da moral, das sociedades... as lutas de pensamento e doutrina. E' além disso, um factor privilegiado da Civilização, que encanta e que seduz.

... E daqui se podem conceber teses apolias e controversias em dissertações

interessantes, instrutivas e proveitosas. E' vasto o campo e os assuntos concisos, dogmáticos e dum grande aproveitamento para a cultura da intelectualidade. Tudo o mais é fumo que se evola e se perde, mas que não deixa de entoxicar os sentidos.

O cinema—não restam dúvidas—é a arte que mais obriga o homem a empreendimentos... e todos êles dignos de apreço. E' certo que há filmes maus, que não revelam inteligência ou Arte. Esses não os devemos aceitar. A crítica, vai elucidar e mostrar os seus defeitos—fazendo do filme uma tese reveladora e vai arrancar da inconsciência um proveitoso ensinamento para o público, para os realizadores e, consequentemente, para as empresas produtoras.

E como êstes, quantos outros conceitos? E sem a rigidez duma hirta pragmática, os assuntos nascem, palpitantes, ao sabor das penas dos que escrevem, numa vastidão apreciável, demarcando a Arte, dando-lhe impulsos renovadores e criadores.

Não caberia nos limites desta revista debater com o desenvolvimento devido todos os conceitos que a propósito nos sugerem, mas o exposto, revela claramente como devemos apreciar o Cinema e como o pretendemos distinguir, na sua função vital do Progresso e na sua influência nas massas populares.

E' uma causa justa que se torna necessário sustentar, separando-a das futilidades e dos assuntos disparatados e pícaros—tantas vezes incoerentes—de que muita da «literatura» cinematográfica se ocupa, como matérias-base, como essencia da pura Arte.

Tomaz d'Alencar.

sessões de cinema a 1 Escudo

Nunca tivemos pretensões de videntes, nunca exercemos a cartomância, mas parece-nos que o nosso fundo do n.º 141, não era descabido ou sem razão de ser.

Quando achamos extraordinário, que empresas ilegalmente constituídas, para a exploração da industria exhibidora cinematográfica, estivessem com o cinema a 1 Escudo, no engodo de gratuito, prejudicando quem de direito, não tinhamos simplesmente em vista proteger aquêles que estão esmagados por alcaválas sucessivas; tinhamos também a finalidade de fazer sentir aos senhores distribuidores, que era tempo de acabarem com as exhibições de lixo que estavam fornecendo, muito embora êsse material fôsse pago ou não como novo, por aquêles que o alugavam.

Felizmente que o tempo confirmou com uma exactidão matemática as nossas previsões; o lixo veio até à sala de projecção do *Palácio de Cristal* e deu o triste resultado que é do dominio público. Não o criticamos neste momento porque pagou por muito ou pouco o seu bilhete; tampouco teremos qualquer censura para os organisadores desses espectáculos «gratuitos». Apenas as nossas maiores censuras vão para os senhores distribuidores, que além de estarem prejudicando os seus clientes com fornecimento de filmes para espectáculos prejudiciais ao meio cinematográfico, atiram para a exhibição um lixo encoberto sob um successo secular.

Muito claramente se afirmou nos jornaes diários desta cidade que era «a desordem sucedida ontem, de única exclusiva responsabilidade do fornecedor de films»; não vimos um único que tivesse tido o critério de vir afirmar que o material fornecido estava em bom estado e que, embora os organisadores se limitassem a escolhê-los no catálogo, os distribuidores tinham o cuidado de os informar do desastrado estado dos filmes pedidos.

Sómente, e como dissemos no primeiro artigo, alguns senhores distribuidores tinham resolvido dar em «topa-a tudo»; que lhes sirva de lição esta revolta do público explorado...

Se neste país, de há muito se tivesse criado um consórcio de exhibidores, se êstes se deixassem de concorrências tolas e ruínas e procurassem pôr um dique ás exigências absurdas que, ás vezes, os assoberbam, talvez colhessem resultados profícuos, talvez estas cinemadas a «dez tostões - gratuitos» acabassem com um veemente protesto, não dizemos já, perante o Snr. Inspector Geral dos Espectáculos, mas perante o absurdo, ilógico e criminoso negócio dos distribuidores de filmes.

Sirva-lhes de proveito esta lição que pouco dignifica as marcas colocadas no inicio dos filmes — lixo; continuem, que quando não houver clientes que por falta de concorrência nas suas

salas de espectáculos não lhes marquem os filmes, deverão ir ter com os organisadores do cinema «gratuito», que aliás fazem o seu negócio, pedir-lhes que efectuem as suas marcações.

O infeliz exhibidor da provincia, é obrigado a ter contrato, caução, fiador rico, etc., etc.; para os outros, e para alguns, nada é preciso. Se o exhibidor da provincia detereora um lixo, paga-o, porque dá cinema a preços elevados com casas vãs, porque não tem o direito de ganhar senão para os outros; mas os privilegiados, prejudiciais aos clientes das casas distribuidoras, êsses, vêm para os jornaes, dizem o que querem e os senhores distribuidores, não formam coleções para lhes não fornecer filmes...

Ah! felizmente que o tempo das vacas gordas já lá vai; as da actualidade são magras e chupadas, mirradas não pela falta de parto, mas por ruínas doenças, chamadas, falta de público, excessivo custo de aluguer de filmes e excessivos impostos.

Todavia, apesar destes incidentes, apesar de saberem que com a sua attitude estão prejudicando altamente a industria cinematográfica, os senhores alugadores, os donos, até um dia, disto, não cessam de fornecer programas. Continua-se nas exhibições de material em adiantado estado de decomposição, até que mais um dia, e novamente, o público descontente venha a faltar ao respeito à autoridade, venha novamente a fazer as suas tropelias selvagens.

Podiamos aqui, julgarão alguns, censurar quem organisa êstes «gratuitos» espectáculos; mas o facto é que dizem «pagar ao preço da tabela» e terem «passado os filmes mais caros do cinema mudo», o que vem provar que embora prejudicando os exhibidores da zona do cinema a escudo, são simultaneamente vítimas do desgraçado sistema de negócio, marca «topa-a tudo».

Criem juizo, senhores distribuidores, protejam, porque tem êsse dever, os seus clientes não fornecendo filmes para espectáculos de determinada tabela de preços que asfixia terrivelmente aquêles que lhes dão vida durante anos e anos. E se tal fizerem, já não merecem parabens, porque já não é sem tempo...

Sócrates.

N. da R.—Como as considerações feitas neste artigo de forma alguma visam todos os senhores exhibidores portugueses, oferecemos as colunas desta revista àqueles que se possam sentir injustamente lesados.

Operadores Cinematográficos

Hoje em dia, muito poucas cenas cinematográficas são simuladas. E cada vez que aparecem na tela cavalos galopando em direcção da platéa, ou um aeroplano descendo bruscamente em giros fantásticos, ou um vapor agitando-se num mar bravo, os leitores ficam admirados com o que se lhe eferece à vista, não se lembrando que alguns operadores arriscaram a vida quando essas cenas foram filmadas.

Em Hollywood, onde tantos filmes são produzidos, é difícil obter informações directas a este respeito. Os «cameramen», de excélcional eficiência, muito importantes e muito considerados nos estúdios por causa da parte importante que tomam na produção dos filmes, não querem falar dos perigos que afrontam diariamente, pois consideram tais riscos como parte do seu trabalho. Interrogámos nada menos de seis, mas, aparentemente, nenhum pode ou quis relatar histórias sensacionais a respeito d'êles próprios. Mas, quando começámos a fazer perguntas a respeito das experiências emocionantes de outros «cameramen», o caso mudou de figura. Uma quantidade de histórias, de causar arrepios a qualquer pessoa, saiu de tôdas as bocas, oferecendo, desta forma, uma visão interessantíssima e assombrosamente perigosa porque passam os corajosos operadores cinematográficos durante o desempenho dos seus trabalhos.

Um d'êles relatou a respeito duma produção em que tinha de ser filmado um leão. A féra tinha sido encerrada numa jaula de arame com uma porta corrediça de um lado. O leão devia sair por esta abertura e precipitar-se sobre a máquina e então o seu domador chama-lo-ia e êle voltaria para dentro da jaula. Mas o animal não ouviu ou não quiz ouvir o domador, e continuou avançando na direcção do operador. Este, percebendo que alguma coisa de extraordinário ia acontecer, segurou a máquina na sua frente. O leão dava voltas e o operador seguia-o também, virando na mesma direcção, afrontando sempre a féra. Todos os demais pareciam estar presos no sólo. Repentinamente a suposta vítima exclamou: «Se pretendes atacar-me Mr. Leão, primeiro tens de usar esta máquina presa no teu pêlo como um alfinete!» Isto aliviou a situação. Os domadores correram então atrás da féra e o perigo desapareceu.

Contam que certa vez Norbert Brodine e Harry Beaumont—o primeiro conhecido como o az dos operadores cinematográficos da Metro-Goldwyn-Mayer, e o segundo, como um dos grandes directores actuais—estavam filmando uma tropa de «cowboys». Os cavaleiros das planícies galopavam em direcção à máquina, mas um dos cavalos empinou e precipitou-se sobre a máquina, atirando com o tripé ao sólo e fazendo voar pelos ares a plataforma em que Beaumont e Brodine estavam filmando. A máquina e o operador



Operadores exercendo a sua actividade

caíram por terra, felizmente separados, de modo que não houve maior dano a lamentar. E o filme foi salvo.

Num recente filme de Robert Montgomery, os operadores estavam num pontão puxado por um rebocadôr. O rebocadôr aumentou a velocidade a tal ponto que a prôa do barco se elevou numa grande altura, enquanto que a pôpa se afundou, e os operadores e equipamentos foram lançados dentro da água. O rebocadôr deu a volta imediatamente e salvou os naufragos. No dia seguinte os escafandristas trouxeram á superfície as máquinhas e o filme foi submetido ao processo de revelação, sendo então verificado que não havia sido danificado pela submersão.

Um outro operador cinematográfico, que não quis que divulgassemos o seu nome, disse-nos que certa vez estava filmando do alto duma «paralela» da plataforma da «cámara» uma cena duma aldeia que estava sendo destruída por um incêndio. O director, realmente, pôz fogo às casas e as chamas subiram até uma grande altura, pelo que não esperava o operador. Este teve de ficar no seu posto até terminar o trabalho para não estragar a cena tôda. O pobre do operador ficou com o cabelo completamente chamuscado. Em seguida torrentes de água apagaram o fogo e foi então que êle pode descer.

Inumeras histórias poderiam ser contadas a respeito dos perigos que afrontam os operadores nas filmagens das cenas de aeroplanos. Quando a aviação estava ainda no princípio, os operadores viam-se obrigados a colocarem-se com os

Continúa na última página.

FRAGMENTOS

A PROPOSITO da maneira como em Portugal se faz cinema e se fazem realizadores, o semanário *Reporter X* diz, com muito juízo, o seguinte:

«Em todas as artes exige-se vocação e técnica. A vocação sem técnica dá, em alguns, o amador, o «Simões Carneiro». Da técnica sem vocação, chega-se muitas vezes a obras brilhantes—embora artificiais. Mas em cinematografia, antes de mais nada, é preciso teoria, muita e boa. Onde é que esses improvisados Griffiths aprenderam o seu *métier*? Em todos os países onde existe cinematografia—um *metteur-en-scène* que, já pelo meio, nasce embebido nos segredos da arte, começa por *regisseur* de última classe; passa meses e meses nos *studios* às ordens dos *assistentes*; a seguir, depois de se evidenciar, chega a *assistente* e como *assistente*, revelando-se uma vocação (nessa altura é que a vocação marca), é que lhe consentem uma filmagem sob a sua responsabilidade mas sempre de pouca monta, como experiência. Da mesma forma que não é possível haver um médico de um dia para o outro, sem muito corte de cadáveres, sem muita noite perdida a enfrascar-se nos compêndios de anatomia, sem muita experiência de hospital—não é possível realizar, não digo um filme mas uma só cena, sem ter visto sequer o que é um *studio*, o que é uma filmagem. Uma vez discutimos com alguém as probabilidades de ser ou não ser exibido (não foi, nem na província!) um filme feito por um *improvisado*. Argumentava o nosso antagonista: «O rapaz é esperto, lê muita revista de cinema e vai todas as noites ao Tivoli e ao S. Luiz». Na sua opinião bastava ler os reclamos e os exageros dos jornais cinematográficos (que são os primeiros a ocultar as verdades e a exagerar os factos — e que não fôsem) e vêr os filmes... já feitos — para se saber como se fazem filmes. Era como se um leitor assíduo da secção musical do *Diário de Notícias*, frequentador infalível dos concertos, fôsse capaz de competir com Beethoven—só pelo facto de ler e ouvir... Isto já não é infantil! E' estupidez, impudor, falta de respeito... E' como se um nosso filho pequeno nos dissesse: Papá: dê-me vinte contos para eu comprar um «auto» e ir passear, guiando-o». — «Mas tu sabes guiar um «auto», pequeno?» — «Ora essa... Então não os vejo passar todos os dias quando estou à janela?!» Se fôssemos da força d'esses cavalheiros dávamos os vinte contos e o petiz comprava um «auto», subia ao volante e... E o que sucedia depois? O que sucedeu com todos, salvo raríssimas excepções, duas ou três (mas estas... porque seguiram o caminho lógico)—os filmes feitos por realizadores nacionais».

Depois de citar três exemplos recentíssimos, aquele semanário continúua:

«Quem os ensinou, quem foram os mestres, quantos anos estiveram a aprender os infinitos e subteis mistérios da arte? Mas isto que importância tem? Lêem o *Cinéfilo*, vão ao cinêma, frequentam certos «cafés» — e isto basta para se doutorarem... *honoris causa* ou *deshonoris causa*, como diriam êles, coitados...»

Reporter X tem carradas e carradas de razão. E' triste o que ele diz, mas é assim mesmo. Agora, permitam-nos só uma advertência: quem tem telhados de vidros não deve atirar pedras aos telhados dos vizinhos... A bom entendedor...

HA DIAS, em Lisboa, falei com Leitão de Barros. Está cheio de projectos grandiosos—projectos que são já em parte realidades—e absolutamente confiante no futuro e em si próprio, apesar das tentativas indirectas de torpedeamento que lhe tem sido feitas habilmente por certas entidades às quais o desenvolvimento do cinema português não é favorável.

O que vale é que Leitão de Barros *s'en fiche* muito razoavelmente e continuará prestando à causa do cinema nacional o seu valiosíssimo — e quasi que único—apoio.

Ainda bem.

NO SABADO passado fui ao «Passos Manuel» ver mais uma vez *O Milhão*. Na minha frente ficou um casal exteriormente muito bem apresentado, mas que não teria chamado a minha atenção se o marido, para explicar à esposa o que era *O Milhão*, não exclamasse: «... Enfim, é a comédia francesa mais tola que eu tenho visto na minha vida. Faz rir, é certo, mas é o que ha de mais disparatado e de mais estúpido. Tu vais vêr...»

E eu a julgar que *O Milhão* era uma maravilha da mais intelligente fantasia e do mais fino humorismo...

Como a gente se engana...

A. C.



A' esquerda: Uma cena de «O Rei da Graxa», uma das melhores comédias recentemente saídas dos studios franceses
A' direita: cima para baixo: Uma linda imagem do filme «Paisagem» que o realizador português Brun do Canto está produzindo e uma cena de «Viva a Liberdade», que nos dizem ser a melhor produção de René Clair e que brevemente será apresentada em Portugal.

Carta da Alemanha

(do nosso correspondente particular)

A estação de inverno, este ano, tem decorrido brilhantemente, tendo-nos sido apresentados muitos filmes de valor alguns dos quais Vocês já devem ter visto em Portugal:

De entre as produções ultimamente exibidas citarei:

Instrução, um filme sobre a vida judiciaria, que obteve aqui um enorme sucesso. Cenário emocionante. Mise-en-scène sóbria. Interpretação perfeita de Albert Basserman, Gustav Frohlich, Chartotte Ander e Hans Bransewetter.

Prazer e amor é uma comédia graciosíssima que nos fez passar alguns momentos de alegria. Interiores luxuosos, excelente figuração, musica magnífica e sobretudo uma boa interpretação de Maria Paudler, Georges Alexander, Ernst Verebes e Felix Bressart.

Hans em todas as ruas é um novo filme, com Hans Albert, sobre a vida dum reporter. Vê-se com bastante agrado.

Mãos ao ar, cujo argumento foi extraído dum romance de Edgar Wallace, proporciona-nos um espectáculo dos mais cativantes. Mise-en-scène excelente. Boa fotografia e desempenho acertado de Lissy Arna e Karl L. Diel.

Espionagem de Gustav Ucicky continua obtendo um sucesso ruidoso em toda a Alemanha.

Devemos ficar jovens de Max Adalbert é um filme mediocre sobre o qual não vale a pena insistir.

Richard Tauber, notável cantor, obteve um grande sucesso com o filme *O País do riso...* mas a realização desta obra deixa bastante a desejar.

Luis Trenker apareceu-nos mais uma vez num filme onde a montanha é o principal interprete.

Montanha em fogo, assim se intitula o filme, é uma obra bem feita e emocionante. Merece ser vista.

A «Ufa» continua a dar-nos excelentes filmes de actualidades.

Bomba sobre Monte Carlo (A loucura do Monte Carlo) tem obtido em todo o territorio alemão um grande sucesso. Hans Albers e Anna Sten são os principais interpretes da versão alemã. Um dos maiores factores de agrado desta produção de Erich Pommer é a música de Werner R. Heymann.



Imagens do grandioso fenofilm «Matou», de Fritz Lang, que brevemente se estreia no Agua d'Ouro

Noticias de Inglaterra

(informações fornecidas pela B. I. P.)

F. W. Kraemer dirige actualmente em Elstree um filme cuja acção decorre na China: *Tin Gods*.

Esta produção está sendo feita com o maximo cuidado visto o realizador, que visitou a China, desejar introduzir no seu filme diversas ceremonias orientais às quais quere dar uma perfeita «atmosfera». Os interpretes de *Tin Gods* são: Evan Thomas, Frank Royde, Dorothy Bartlans, Frank Cellier, etc.

Harry Hughes está filmando para «British», com William Freshanan no principal papel, *The Bachelor's Baby*.

Norman Walker e a sua «troupe» já regressaram da Normandia onde foram manivelar algumas cênas de *Bill The Conqueror*. Em Elstree está-se presentemente concluindo a filmagem. Henry Kendall é o protagonista desta pelicula.

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem concorrido

New-York, em vespera do Ano Novo: O jovem Harry Armstrong, loucamente apaixonado por uma linda mulher de teatro, em face das apreensões da família, é convidado para uma troca de impressões, por seu avô, o pastor de almas, Tom Armstrong.

—Meu filho! Tens a certeza de que nunca te arrependers de desposar essa mulher?

—Que pergunta! O avô não pode compreender certas coisas...

Já fui rapaz há tantos anos... Já nem se recorda, estou certo!

E, no entanto, o arguto Tom conhecêra admiravelmente o verdadeiro amor! Recorrendo a um pequeno cofre que, avaramente, guardava no seu gabinete de trabalho, abre-o perante o olhar atento do neto, e, retirando dele um fino lenço amarelecido pelo tempo e uma rosa emurchecida, flôr morta evocando mil recordações, diz-lhe:

—Julgas isso? Pois vou contar-te uma história, meu caro Harry.

—Ouve-a atentamente; é tudo o que te peço!

Ha-de haver uns bons cincoenta anos... Era eu então reitor de S. Gil. Num dia agreste do mês de Novembro, um barco vindo da Europa chegava a New York, conduzindo—quem o diria?—a mais bela aventura da minha vida. A personagem, que tanta influência viria a ter na minha obscura existência, era a celebre cantora de opera, Rita Cavallini, que aportava á Norte America avida de nos dar a conhecer a sua nobre figura e os seus extraordinários méritos artísticos. Logo os Van Tuyl deram uma festa em sua honra, para a qual recebi convite. A sua beleza rara despeitou muitas das damas e seduziu grande parte do elemento masculino. Van Tuyl fôra mesmo repreendido por ter trazido a sua casa aquela mulher, pondo-a em contacto com os seus convidados, todos da mais alta representação social novayorquina. Fui um dos que reprovaram a iniciativa de Van Tuyl. Contestou-me que era ainda muito novo para ter uma concepção nitida sobre o Bem e o Mal. Que nada constava de extraordinário na vida da esbelta cantora, de contrário, pundonoroso como êle era, não a teria convidado para o seu lar, permitindo-lhe o conviver com a sua familia e com as suas relações que êle tanto prezava. Aceitei a tése! Nesse momento ainda os meus olhos não haviam poisado em Cavallini. Dirigindo-me para uma pequena saleta distante do maior bulício da festa, encontro ali uma mulher lindissima, um verdadeiro quadro de Saguso. Surpreso, receando ser indiscreto, fiz uma respeitosa vênica, desculpei-me da minha aparição subita, e, quando ia a retirar-me, os seus deliciosos labios abriram-se para me convidar a ficar. Conversamos. Não posso precisar bem o que lhe ouvi nem o que lhe disse. Momentos depois, Van Tuyl apareceu, e, oferecendo-lhe o braço, Rita levantou-se disposta a partir. Fitou-me com o seu olhar perturbador. Despedimo-nos, e, sem querer, uma frase saiu dos meus labios.

—Gostaria imenso tornar a vê-la!

—Se assim é, permito-lhe que me procure amanhã, de tarde, no hotel onde me hospedo.

Van Tuyl atalhou, observando-lhe que a tarde do dia seguinte já ela lha havia dispensado. A artista pareceu reflectir, mas, cortando breve, acrescentou:

O Argumento de :Romance:



GRETA GARBO, protagonista de «Romance» que na próxima segunda feira se estreia no Aguiá d'Ouro

—Meu caro Van Tuyl: Consinta em que o nosso «rendez-vous» seja adiado. A tarde de amanhã dedica-la-ei a este seu amigo!

E, foi neste delicado momento que fiquei sabendo que a mulher que tanto me perturbára e que tanta deferência mostrava para comigo, era a excelsa Cavallini, a artista famosa não só pelos seus dotes físicos e artísticos, como pelas paixões que desencadeava á sua volta.

Meses decorreram, que eu remomoro como o mais belo periodo de toda a minha vida. Amei-a, e, felicidade suprema, fui correspondido! Visitava-a diariamente, ao ponto de Van Tuyl reprovar a minha assiduidade junto da bela florentina.

—Não compreendo, disse-lhe, a tua observação. Não me disseste que ela era uma mulher digna das mais sinceras atenções? Que inconveniente ha, pois, em que eu me aproxime dela?

Um novo contracto chamava-a a Milão. Convidei-a a vir a nossa casa, a conhecer a nossa familia. Cavallini acedeu com infinito prazer. Van Tuyl veio também. Pedi-lhe que não abandonasse New-York. Ela, porém, insistia no celebre contracto. Insinuava mesmo que eu devia segui-la até á Italia. Indiquei-lhe os sagrados deveres da minha paróquia. Ah, sim, esquecia-me, dizia ela; não me lembrava da vossa evangelica missão! Prometia-me, entretanto, voltar á America no ano seguinte. Como lembrança do nosso idilio, cheguei a oferecer-lhe o colar de perolas que pertencera a minha mãe, doce reliquia que eu até ali conservára sagradamente. Ao partir de minha casa para o hotel, disse-me:

—Meu caro Tom: sinceramente lhe digo: Amo-o como nunca amei outro homem!

Perdido, de novo insisti para que não par-

tisse. Prometi desposá-la. Cavallini fitou-me! A sua indecisão pareceu iluminar o meu espirito. Interroguei-a, Descreveu-me então varios factos da sua vida passada. Falou-me mesmo numa alegre noite passada, outróra, em Paris com Van Tuyl. Como doido, levantei-me, sentia que a respiração me faltava. Encarei-a como a mais temível das pecadoras. Van Tuyl! Como êle me enganára naquela noite da recepção!

—E dizeis vós ha pouco que eu era o único homem...

—Perdão, esquecia-me de Van Tuyl que também amei com enlevo, mas... isso foi ha três anos...

—E êle ainda vos ama?

E com a sua nivea mão colocada sobre o testamento de minha mãe, Cavallini jurava-me que nada de extraordinário se havia passado desde então entre eles. Momentos depois, tinha a confirmação de que as suas relações haviam sido reatadas logo que ela chegára a New-York.

Condenei-lhe a falsidade usada para comigo. Chorou. Pedi-me perdão. Soava a meia noite! Lembrei-me da minha egreja, dos paroquianos que me aguardavam ali para a cerimonia religiosa da noite do fim do ano. Partii a cumprir a missão de que Deus me incumbira no Mundo. Intimamente chorava por ter sido enganado quanto a Van Tuyl. Uma alegria enorme me alegrava, no entanto, o coração: A certeza absoluta de ter sido eu o homem que ela amára verdadeiramente na vida! Quando deixei a alcova, a linda Cavallini chorava e rezava! Foram as últimas palavras que lhe ouvi!

Terminada a narrativa, avô e neto olharam-se!

Uma lagrima corria agora sobre a face do jovem Harry. Tom... olhava com infinita tristeza a flôr amarelecida, lembrança saudosa do passado.

—E nunca mais teve noticias da Cavallini, avosinho?

—Até ha pouco, nenhuma. Acabo de lêr nos jornais da noite a noticia da sua morte em Napoles!

Como vês, meu caro Harry, amei: Amei muito e sei que fui amado! E, dirigindo-se ao neto, acabrunhado ainda pelo recitativo que êle lhe fizera, o velho Tom, pondo-lhe amigavelmente a mão sobre o hombro, diz-lhe: Não te condeno! Segue os ditames do teu coração apaixonado, rapaz. Não admitas que ninguém, nem mesmo tua mãe, se interponha entre ti e a mulher que amas e que dizes adorar-te, por que o verdadeiro amor é o mais belo sentimento que a Vida encerra!

A estranha vedeta de :Romance:

G R E T A G A R B O

Quando apareceu descoberta á luz do écran Marlène Dietrich, éssa nórdica suéca, a que chamam a mulher de gelo, que usa no écran o nome de Greta Garbo e passa por ser, quando interpretando, o cúmulo da perversão feminina, cria-se que estaria lançada para a margem, que se curvaria perante a nova estrela germânica. Tal não aconteceu; Marlène Dietrich, continuou marcando o papel que lhe confiaram na cinematografia e Greta Garbo permaneceu, ainda e como sempre, a mais insensível e fria vedeta.

Quer uma, quer outra, tem-nos sido reveladas em produções de grande valor. Marlène ficou gravada na retina do público desde o seu magnifico trabalho em «O Anjo Azul»; Greta Garbo, artista de já larga nomeada no cinema silencioso, continuou sendo uma das queridas das plateias; todavia, se em «O Beijo», de Jacques Feyder, as exigências da produção americana estrangulando o realizador tinham tornado o seu trabalho pouco digno da nomeada que gosava, «Romance» vai dizer-nos das possibilidades fonocinematográficas desta vedeta.

Como sempre, como em todos os seus filmes, será um mixto de mulher anjo e demónio. Será sempre a encarnação pecaminosa da Eva, sedutora, hipnotizando e arrebatando nos seus olhares de serpente, servindo-se do homem como dum juguete. Sempre a mesma, sempre uma bôca que parece gelada, sem calor e sem vida, mas que tem mais venêno, que a duma vibora, que tem mais traição e mais ódio, do que pode conceber-se naquêle olhar frio, persistente, fixo...

Dizem de Greta Garbo muito e nada; uns vêem no seu modo de ser, na sua frialdade característica, desgostos de amor; outros julgam-na assim por temperamento ou chamam-lhe uma snob. O que quer que seja, ou desgostos de amor ou um temperamento especial, não interessa; o que nos encanta o que nos agrada sempre, é a artista, é a arte que emprega nos seus desempenhos; pouco nos importa que o mármore donde saiu a estátua seja impuro; o essencial, é

(Conclui na última página.)

de lisboa

nota do Porto *Vocês dão-me licença? São só dois segundos que vos peço: o tempo indispensável para vos apresentar, e com a maior simplicidade possível.—porque as solenidades são contra o meu feitio—esta secção que acabamos de crear.*

Até agora, salvo pouco duráveis excepções, Invicta-Cine manteve sempre um pequeno interesse pelo que se passava fóra d'êste velho burgo que à nossa revista deu o nome. Diversos factos, aliás bem alheios à nossa vontade, foram a causa. Mas, presentemente, dois amigos prametem-nos de Lisboa a sua colaboração regular. Um, Vocês conhecem-no bem, é o célebre Douglas Faz... Bankos, que continuará projectando nestas páginas as suas apreciadas «fitas faladas». O outro é o Fernando, cujo nome não vos é desconhecido—há até, nos arredores dos meios cinematográficos lisboetas, uma provável futura vamp que se derrete toda por êle—e que, empoleirado nesta nova secção, vos contará quinzenalmente o que se for passando pela Capital

Tenho dito. Não deem palmas porque não vale a pena.

A. C.

cinemas de réprises Eu tenho pelos modestos cinemas de réprises uma veneração e um respeito verdadeiramente religiosos. Eles são, na verdade, crédores de toda a minha gratidão, pois a êles devo a maior parte das noites agradáveis que passo em Lisboa.

A capital, muito orgulhosa dos seus divertimentos e da sua vida nocturna, é proporcionalmente bem pior do que Braga.

Possúe perto de trinta cinemas; no entanto, é raríssimo estrear-se mais de três filmes por semana!

Naquelas noites de inverno, imensamente longas e incomparavelmente aborrecidas, conhecido já o que de novo veio até aos nossos écrans, que fazer para não morrer de tédio?

Uma única solução: comprar um jornal, abri-lo na página de anúncios dos cinemas e optar por um dos muitos programas que se nos oferecem em reexibição.

Sobretudo numa época como a actual, em que os cinemas de estreias se entretêm por via de regra a apresentarem-nos filmes banais e sensaborões, como sabe bem ir até um qualquer cinema de bairro rever o «Milhão» o «4 de Infantaria» o «A oeste nada de novo» ou «O Caminho do Paraíso»!

Ao menos durante algumas horas temos a impressão de estarmos na época cinematográfica de 1930-1931, de inolvidável memoria!

assunto originário Estreia-se em qualquer dos nossos teatros uma nova revista.

Pode ser muito boa ou pode ser péssima; pode ter muito espírito ou ser absolutamente despida de graça; pode ter lindas mulheres ou exemplares horríveis; pode ter bons ou maus bailados; o guarda-roupa talvez



ANTONIO FAGIM

seja deslumbrante ou paupérrimo; pode ser dotada de feliz ou infeliz música; há no entanto uma coisa que é infalível, que todas têm: um número referente à «Severa»!

O primeiro fonofilm português tem servido, na verdade, para as «charges» mais espirituosas e para as mais estúpidas!

O António Luís Lopes então—coitado!—tem sido um verdadeiro martir.

Quem, em última análise, fica a gozar com o reclame é o Leitão de Barros...

produção portuguesa A produção cinematográfica nacional assemelha-se imenso a um automóvel guiado por um principiante.

O motorista aprendiz, antes de conseguir dar ao carro uma marcha normal e equilibrada, costuma obrigar o automóvel a um variável número de arrancos em virtude do seu fraco conhecimento do uso combinado do acelerador e da embraiagem.

A nossa produção tem também vivido de arrancos, e ainda não conseguiu a almejada marcha normal e equilibrada.

Atravessamos precisamente um dos mais decisivos momentos, talvez o último arranco para que o automovel se lance em plena estrada ou então para que, devido à inépcia do motorista, o motor afabe e o carro pare.

Oxalá que, ao menos agora, possamos começar a viajar sem «pannes», por uma estrada muito boa e toda asfaltada.

Lisboa, nov. de 1931.

Fernando.

António Fagim Antonio Fagim surge-nos de
fala à Invicta novo num empreendimento que
Cine nos enche de confiança e para
todos os que ambicionam para

Portugal um lugar de destaque na industria ci-
nematografica

Invicta-Cine foi a primeira revista que de ha
muito sabia que Fagim ia realizar o fonofilme
João Ratão inspirado na opereta do mesmo nome;
mas não queriamos dar nenhuma noticia sem
primeiro ouvirmos o realizador.

Procurámo-lo.

—«Não era meu intento, diz-nos, estrear-me
tão cedo como realizador Embrenhado, ha bas-
tante temp, nos estudos de realização cinema-
tográfica, portanto consciente da enorme respon-
sabilidade desse papel, não queria aparecer ao
público sem uma base solida e aturada experien-
cia».

—Mas resolveu-se...

—«Não, resolveram-me. Alguns amigos ins-
taram comigo... Que era necessario novos no-
mes no campo da realização do cinema em Por-
tugal, que já tinha dado provas da minha com-
petencia, e mais isto, mais aquilo, até que me vi
investido na direcção tecnica dum filme.

—«Pensei, ao principio, em fazer um filme
de curta metragem, barato, reduzido. pretexto
para exhibir as nossas características, documento
da nossa vida sentimental, focando o amor nas
suas humanas modalidades, desde o amor ma-
ternal ao amor-paixão, amor sexual, origem em
regra de todos os romances.

—«Mas, V. compreende, a arte-industria ci-
nematográfica é uma das mais caras, e considere-
i, portanto, que era impropria para servir de jogo
de azar. A minha estreia devia levar comigo pe-
lo menos, um elemento de garantia. O filme que
vou realizar é uma obra comercial, tanto mais
que nos encontramos ainda na fase balbuciante
dessa arte. Todos o países têm começado por
esse principio e julgo que um dos nossos erros
tem sido em começar pelo fim.

—Como se pensou em extrair um filme de
João Ratão?

—«Foi o Antero Faro, a quem o nosso ci-
nema já alguma coisa deve, que conversando
comigo se lembrou do extraordinário interesse
do *João Ratão*.

«Deitei mãos á obra e comecei fazendo a
planificação. Devo dizer-lhe que foi um trabalho
extenuante que durou dois meses, durante os
quais tive sempre a meu lado o Herculano Levy,
uma das inteligencias mais equilibradas e uma
das vocações mais completas, tendo havido dias
em que o trabalho atingiu dezoito horas conse-
cutivas.

«O maestro Frederico de Freitas será o au-
tor da partitura, E' inutil lembrar-lhe o valor
deste nome. Consagrado no estrangeiro, mal
nos ficaria, a nós, portugueses, se o não glorifi-
cássemos, como de resto fizemos, todos nós,
quando da sua festa. Manoel Luiz Vieira ajudar-
me-á com a sua competência de *cameraman*.

«Herculano Levy, de quem já falei, Augusto
Soares, um dos melhores ensaiadores do teatro,
e que já mostrou a sua competencia como as-
sistente na *Severa*, e Mota da Costa um novo
profundamente apaixonado pelo cinema, serão
os meus assistentes.

—Quais as principais características do filme?

—As que fixam o nosso *ethos*. A raça portu-

guesa surge através dêle, duma forma inconfun-
divel.

—Falou-se na reconstituição do 9 de Abril.
E' certo?

—«A nossa participação na Guerra será
reproduzida com a possível brevidade. Serão
focados alguns dos nossos feitos, como por
exemplo, esse arrebatado mas glorioso impeto
de La Couture.

Já de pé, para nos despedirmos, faço ainda
uma pergunta:

—E quando pensam começar as filmagens?

—«Dentro de pouco tempo Visto que se
trata duma obra nacional, espero não encontrar
os entraves que é raro... não surgirem. Farei
por acertar, e o público será o grande juiz desta
causa!»

P. de A.

CRITICAS

O Vagabundo imortal

Pode o assunto deste filme—uma historia sentimental
bem singela—não ser de todo novo para nós, mas está tão
belamente desenvolvido em imagens dum tão suave encanto,
tão graciosamente enquadrado em â-partes tão pitorescos e
é de tal maneira excelente o desempenho de todos os inter-
pretes, que *Vagabundo Imortal*, sem sombras de favor,
pode considerar-se uma das melhores produções que neste
começo de época foram projectadas nas nossas telas.

Gustav Ucicky—cujo nome eu salientei neste mesmo lu-
gar quando me referi a *Espionagem*—evidencia um grande
conhecimento das possibilidades da arte fonocinematográfica,
manejando todos os elementos à sua disposição com extraor-
dinario bom gosto e segurança, nunca prejudicando o de-
senrolar da história com o amontoado de detalhes accesso-
rios—que pelo seu valor tomam aqui o caracter de docu-
mentos folclóricos,—nem nos deixando, por um momento
só, distrair a nossa atenção das primorosas imagens que se
vão desenrolando lentamente, num andamento certo, numa
cadência magnifica, ante os nossos olhos desejosos por sor-
ver toda a sua beleza. A ajuda-lo, teve Ucicky dois grandes
elementos: Carl Hoffmann, que nos premiou com mais um
trabalho fotografico a todos os titulos notável, e Ralph Be-
natzky, autor da musica, um dos muitos méritos de *O Va-
gabundo Imortal*.

O desempenho não apresenta altos e baixos. Estão to-
dos admiravelmente dentro e à altura dos seus papeis. Mas
seria uma grave injusticia não salientar o trabalho assom-
broso—assombroso, sim—de Gustav Frölich.

Eu tenho uma grande admiração por Gustav Frölich.
Ha muitos anos que venho seguindo a sua carreira sempre
ascendente e hoje não hesito em coloca-lo à cabeça dos me-
lhores galãs dramaticos de cinematografia mundial. O seu
trabalho em *O Vagabundo Imortal*, sem um exagero, sem
um senão, revela bem todo o seu talento. E' estupendo o
seu jogo fisionómico—muito lento, muito sóbrio, mas evi-
denciando perfeitamente um estado anímico—quando, meio
escondido, assiste à inauguração do monumento que os seus
conterrâneos, julgando-o morto, eregeram em sua homena-
gem. E' estupendo!

Liane Haid, de quem eu nunca conseguira gostar, desta
vez agradou-me e pareceu-me muito melhor actriz do que o
era dantes. H. Schlettow, um actor bem conhecido do nosso
público, aparece-nos tambem num papel secundario.

De lamentar só houve duas coisas: A má reprodução
de sons, o que prejudicou muito as vozes, os ruídos e os
sons musicais, e a frieza dum público pouco numeroso que
viu este filme com uma indiferença quasi irritante.

E' verdade, *O Vagabundo imortal* é uma produção Joe
May, o que quer dizer que as excelentes qualidades deste
filme—que se passa em grande parte em exteriores, o que é
de notar e louvar—devem certamente muito à sábia fiscali-
zação do realizador de *O Canto do Prisioneiro*.

Alves Costa.

Em virtude duma super-abundancia de original, vemo-
nos obrigados a retirar deste número a critica ao filme *Em
Redor dum Inquerito*, uma valiosa produção Erich Pommer,
realizada por Robert Siodmak, que recomendamos a todos
aqueles que não tiveram ainda ocasião de a ver.

Douglas—Porto—Não sei de que se trata. Não notei nada de anormal. A Direcção agradece muitíssimo os dois novos assinantes que obteve. Ser-lhe-ão enviadas duas fotos. Mais uma vez obrigado.



O quê? Pois Virginia Cherril levou dois anos a responder-lhe? Só duma americana... **Matoul** deve ser realmente qualquer coisa de notável. Apareça mais vezes.

Amo «Um Académico»—Porto—Pois não sei que lhe fazer. Quando recebi o seu postal, dizendo-me que mudara de direcção, já lhe havia enviado a carta de «Um Académico». Estranho que se tivesse perdido porque eu, já à cautela, pus a nossa direcção nas costas do sobrescrito. O melhor, para estas trocas de correspondência, é Vocês autorizarem a publicação das respectivas moradas e dirigirem-se directamente um ao outro. Não é provável que tivesse visto o A. C. no «Avenida». É raro encontra-lo nos cafés. Eu e os meus colegas agradecemos as fotografias e retribuimos cumprimentos. Sabe uma coisa? O Director disse-me que Você era um encanto de rapariga! Que pena eu não ter tido a sorte de estar na redacção quando Você aí foi... Escreva sempre, dar-me-á muito gosto.

L. 13 X 13—Coimbra—E', sim senhor. Foi, realmente. E que grande sarilho que houve!...

Morena alfacinha—Lisboa—Não, meu bem, jámais revelarei o meu verdadeiro nome, nem mesmo ante os seus rogos insistentes. Já é mania vossa! Porque não se contenta em conhecer-me e tratar-me por Amok? Ainda ontem um camarada meu, que veio há pouco de Lisboa—e por sinal com uma carrada de «spleen»—me contou que lhe mataram o bicho do ouvido com perguntas sobre a minha ilustre personalidade. Simultaneamente um outro camarada escreveu-me daí, dizendo-me que já o ameaçaram de o obrigarem a engulir um linguado vivo se ele não rompesse o mistério. (A ideia do linguado é que eu acho esquisita...) Mas não desanimem. Um dia publico o meu retrato só para Vocês matarem essa curiosidade. E' questão de esperarem.

Nituche—Lisboa—Por quem é, minha senhora, não tema vir encomodar-me. E' para mim um prazer receber as suas cartas. Parece que Leitão de Barros vai ainda este mês ao Brasil não só para procurar a vedeta do seu novo filme como também para tentar fazer uma ligação luso-brasileira que garanta a colocação das nossas fitas naquela república. *O Milagre da Rainha*... pobre dele!... desconfio que nem com um milagre virá a público. O nosso cinema é assim...

Maria Cachucha com quem dormes tu Coimbra—Olá amigo, quando é que Você não arranja um pseudónimo mais pequenino? Então Você também gostou de *A Severa*? Afinal acho que não houve ninguém que não gostasse. Estou de acordo com a sua maneira de ver. Escreva mais vezes, não faça nada.

Asmodeu—Ponta Delgada—Ora ainda bem que voltou a aparecer e a dar-me notícias daí... más notícias, afinal, porque, pelos vistos, a nova empresa do «Coliseu Avenida» não se resolve a reformar os antigos hábitos dando-vos finalmente fitas de valor. Ao menos que vos fôsse dando fitas mudas boas, já que em sonoro não se pensa... Não ha nada como a concorrência para acabar com a exploração do público. Doutra forma, havendo só um cinema, o pobre público, se não quer ficar eternamente em casa, tem que suportar pacientemente os espectáculos que lhe dão. Também por cá ha desses senhores que dizem bem de tudo... logo que lhes façam umas festinhas com um par de notas do banco...

E' pena que ainda não tenha visto *Maria do Mar* nem tenha probabilidades de ver tão cedo *A Severa*. Tem toda a razão no que escreve com referência a *Ver e Amar*. Também tem carradas de razão no seu P. S. Realmente ao copiar os nomes dos filmes troquei o título dum deles. Você perdoará. Até muito em breve. Dê-me sempre o prazer de ler notícias suas.

O Homem do chapéu branco—Lisboa—Mas que mania essa de andar de chapéu!... Não tem nada que agradecer... um favor até ao diabo se faz...

E' melhor o meu amigo não se derreter dessa maneira pela Lilianzinha... olhe que eu também quero alguma coisa para mim...

anzolado por algum cinéfilo peralta... e só agora, passados os grandes entusiasmos do princípio, é que se lembrou do «seu» Amok. Muito ingratas são as mulheres! Ainda são peores que nós... Mas deixemos isso. O final da sua carta deixou-nos profundamente intrigados. Diz Você, então, que viu «o Alves Costa no S. Luiz, com dois rapazes, um dos quais com um bigodinho muito giro» (isto é contigo Fernando!) E' possível. Ele esteve lá e falou realmente com essa artista; além disso todos os detalhes que Você dá estão certos, extraordinariamente certos. E é isso justamente o que nos surpreende. O A. C. diz que vai pôr a «sua policia» em campo para descobrir quem é a misteriosa Futura Amoka.

E' verdade! Essa piada do major é um tanto forte... mas enfim... Olhe que para outra vez eu respondo-lhe... Agradeço os beijinhos e retribuo.

Sedento de sangue de sogra—Porto—Ena caramba!! Você é feroz, mas creia que está prestando um grande serviço à humanidade... Ha tempos eu estive para ter uma sogra, e que sogra!... Foi pena Você não ter aparecido nessa altura. Agora já não é preciso. Já escapei do perigo.

Acredite que a sua carta fez-me bem. Tenho andado um tanto ou quanto neura (é muito fino ter disto) e a série de disparates tão comicos que Você se lembrou de inventar tiveram o condão de me pôr melhor. Escreva mais vezes e volte de igual maneira bem disposto. Eu gosto de gente alegre.

H. de Almeida—Porto—A Direcção agradece o importe da sua assinatura anual. Eu, agradeço-lhe as palavras exageradamente amáveis que teve para comigo e retribuo o grande abraço.

Mar-e-Alva—Porto—Recebi e agradeço. O outro já conhecia. Saiu no último número a resposta à sua carta anterior.

Cá fico esperando o novo assinante.

Cinéfilo de verdade—Porto—A palavra cinéfilo foi tão rebaixada e é hoje empregada tão frequente e estupidamente que eu considero-me insultado se me chamam cinéfilo.

Verá de novo El Brendel no filme *1980*. Escreva-lhe para Fox Studios, 1401 N. Western Ave, Hollywood, Cal. U. S. A.

Ronald Colman português—Braga—Conheço diversos exemplares de rapazes e raparigas com pretensões iguais às suas. São nada menos de cinco: um Rudolfo Valentino, um Adolfo Menjou, uma Bébé Dadiels, uma Louise Brooks e um Ramon Novarro. Essas semelhanças não servem de nada. Também eu sou muito parecido com o Lon Chaney e até agora ninguém me quis para o substituir...

Norma Talmadge recebe correspondência nos United Artists Studios, 1041 N. Formosa Ave., Hollywood, California, U. S. A.

Coração de ferro—Porto—Precisava agora de arranjar uma coisa dessas. E' possível que veja este ano *Luzes da Cidade*... assim como é possível que *Os Anjos do Inferno* não possam ser apresentados. Pelo menos, tem havido uma certa pressão sobre o nosso governo afim de não permitir a exibição desse filme. Porem, nada sei de positivo.

Ainda não sei em que cinema do Porto passará o novo filme de René Clair. Também eu estou com enorme ansiedade esperando *A Nous la liberté* que estou certo não desmerecerá o nome e a fama de Clair. Até breve.

Amok.

NOTICIÁRIO

O Cine Aguia d'Ouro, acaba de fechar contrato com a Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da — a casa alugada de filmes que esta época nos apresentará as maiores produções cinematográficas europeias — para exhibição no seu salão dos grandes super filmes: «Matou», a famosa obra de Fritz Lang que em Lisboa tem obtido retumbante successo; «Viva a Liberdade», filme de René Clair que está prestes a sair dos estúdios e que nos dizem ser uma obra superior ao «Milhão» e «O Rei da Graxa», com Milton, o conhecido interprete de «O Rei dos Borlistas».

—Leitão de Barros, parte no próximo mez de Abril para a Africa, afim de começar a realização do muito falado filme colonial.

— O filme italiano «Napoles que Canta» está sendo exhibido no território brasileiro com enorme successo.

—Richard Dix, um dos velhos artistas de cinema, casou-se, recentemente, com Winifred Coe, filha de um abastado comerciante da California.

—Dina Tereza, foi ha dias a Barcelona, acompanhada do distinto maestro Frederico de Freitas, gravar mais alguns discos do fonofilm «A Severa», para a casa «His Master's Voice». A boa «forma» da voz da querida atriz tripeira vem confirmar as suas qualidades fonogenicas, até agora ainda não suplantadas em qualquer outro filme português.

Os discos gravados pela «nossa» Dina serão postos á venda no próximo o mez de Dezembro.

—Na passada quinta feira, fez 10 anos que faleceu em Lisboa o conhecido artista francés Gaston Michel, mais conhecido entre nós por Barrabás.

—Como noticiamos no último número, o elegante cinema Olimpia, desta cidade, dentro em pouco, passará a exhibir filmes de reprise, no entanto, uma vez por outra, tambem fará algumas estreias.

Segundo uma estatística publicada pelo ministério das Belas Artes, a Alemanha, durante o passado mez de Setembro, exportou 1.989.000 metros de filme num valor de 515.000 Marcos Ouro.

—Louis Lumière, o «pai» da cinematografia francesa, na sua recente visita a Roma, visitou os estúdios da empresa productora italiana «Cines», tendo manifestado grande satisfação pela bela organização daquela casa.



BETTY BALFOUR, no filme «Nipper»

—«Continental Filmes», a nova empresa productora de filmes portugueses, alugou os laboratorios da firma Mello, Castello Branco, L.da.

Esta empresa, como noticiamos no nosso último número, vai produzir o fonofilm «João Ratão», cuja metragem será de 2.700 metros.

25 % da metragem desta produção será realizada num estúdio francés.

—«Tarzan», é o titulo do novo filme que a M. G. M. vai produzir sob a direcção de W. S. Van Dyke.

Dentro de alguns dias, deve passar por esta cidade o nosso camarada Antonio Fagim, afim de escolher alguns locais para a filmagem da primeira pelicula que vai realizar.

—A «Tiffany», está produzindo «Voices of Hollywood».

Nesta produção aparece um filhinho da conhecida artista Esther Ralston.

—Jack Sharkey, campeão americano de box, foi contratado pela «Universal».

—A «Fox-Film» está produzindo «Devil's Lottery». São interpretes deste novo filme Greta Nissen, Mae Marsh e Charles Farrell.

NA CAPA—A conhecida artista Greta Garbo, protagonista do filme *Romance* que na proxima 2.ª feira se estreia no Aguia d'Ouro.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.mas Empresas dos Cinemas:

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 19 do Novembro de 1931.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 19 e 21 de Novembro de 1931

(Conclusão)

que dêse mesmo mármore o buril do escultor seja capaz de arrancar um conjunto de linhas numa harmonia tam suave, que nos leve a admirar o bélo.

O seu desempenho é real; quando interpretando um filme Greta Garbo vive-o cerebralmente, dá um realismo extraordinário ás suas interpretações, cria-lhes um sensualismo lógico, sem apoderar-se para isso da volupia artistica de Brigitte Helm, a mais inteligente das vamps. Sem canções de corpo, mas pensadamente, Greta Garbo manuseando o seu partenaire leva consigo o público que se deixa arrastar, por vezes, na incarnation daquêlê sensualismo com que aniquila todos os preconceitos, com que mina todos os obstáculos para chegar aos seus fins. E' em «Romance» a Rita Cavallini, provocante, sensual, amante dum nababo que a forra a ouro, a quem se entrega pelo dinheiro, sem mais nenhuma outra preocupação; é a cantora lírica que fará sair da linha réta da estrada que trilhava, o pastor protestante que a ama; é como sempre como em todos os seus filmes, a perversa de olhos azúis, límpidos, claros e transparentes, nos quais nada se pode lêr, porque nada dizem na sua clássica frialdade. Rita Cavallini de «Romance» a cantora meridional que Greta Garbo, uma nórdica, vai interpretar, é um dos mais difíceis papeis da sua carreira; o seu amôr pelo pastor protestante é impossível; mas ela procurará atravessar todas as convenções e barreiras sociais; terá de sucumbir, pois todo o ardôr da sua paixão não bastará para destruir todos os obstáculos. Temos de a seguir através de todo o filme, nas lutas do seu coração angélico e perverso; arrebatar-nos-á levar-nos-á consigo, faz-nos-á ser interpretes da sua obra; mas passados instantes virá sôbre nós uma indiferença desdenhosa e desumana, como a que costuma lançar impiedosamente sôbre os seus vencidos. Atrai-os, cega-os na luz dos seus olhos; é a história de sempre, a luz cegando a borboleta que néla vem queimar as azas. Aqui, a luz são os olhos de Greta, impassiveis, límpidos, cristalinos, indiferentes, mas ardentes; o calôr que basta para queimar as azas das borboletas está na sua bôca de veneno, prometendo mil doçuras que são mil amargôres.

As borboletas são os seus partenaires, figuras da vida real, queimando as azas dos preconceitos que não permitem ao homem uma liberdade ilimitada.

Queimada a borboleta, a luz fica indiferente; tal como na vida, Greta Garbo, amordaça a consciência, para só poderem os seus infelizes adoradores ouvir as vozes de si próprios. que os mandam para a fogueira donde ardem e donde morrem.

«Romance» dar-nos-á mais uma vez a noção concreta e exacta do valor extraordinário desta grande artista, um dos valiosos braços da mais bela trindade artistica cinematográfica do seu género: Brigitte Helm, Marlène Dietrich e Greta Garbo.

Nobody.

(Conclusão)

máquinas numa das azas, equilibrando o pêso com sacos de arêa colocados na outra aza, e segurando-se contra uma escora, filmando dêste modo os que estavam sentados no logar do piloto assim como o terreno abaixo e o firmamento acima. Harold Rosson e Paul Vogel, operadores cinematográficos, realizaram o seu primeiro vôo dêste modo, e nunca tinham subido antes num aeroplano. Outro operador subiu tambem assim atravessado sôbre a armação do aeroplano com a máquina deante de si. O piloto, julgando que a máquina estava segura, iniciou o vôo, e o operador teve que se segurar no seu logar do melhor modo possível para salvar a máquina e filmar as cênas ao mesmo tempo. Conseguiu, mas com grande debibitação de seu sistema nervoso.

Uma das mais emocionantes aventuras por que passou um operador quando filmava, foi durante a produção de *Speedway* com William Haines. Como o título indica, trata-se de uma história de corridas de automóveis. Era necessária uma fotografia da parte inferior dos automóveis, tomada a plena velocidade. Foram marcadas rotas para dois automóveis, com separação de menos de um méto de distância. No espaço intermediário o operador estendeu-se no sólo, com a máquina na sua frente. Os autos passaram na sua direção, a poucos centímetros de distância e a uma velocidade de 216 quilómetros por hora, aproximadamente.

Como desejássemos saber qual a mais perigosa aventura que tinha tido um «cameramen» fomos entrevistar John Arnold, chefe do departamento dos operadores cinematográficos dos estúdios da «M. G. M.».

«A tarefa mais perigosa»? replicou êle meditando. «Bem, eu tenho tido algumas aventuras bem emocionantes, assim como todos os outros operadores. Quando se filmam cavalos galopando ou combóios expressos, ou sustendo-se na aza de um aeroplano, tôdas estas são aventuras perigosas. Mas, julgo que a mais arriscada por que se passa é aqui mesmo nos próprios estúdios, quando estamos filmando as cênas do alto das paralelas do cenário sonoro. Quando um de nós está colocado na aza dum aeroplano, a mente e o corpo estão preparados para o perigo. Os nervos e os músculos estão prontos para movimentos inesperados, ao passo que quando estamos filmando nos cenários, julgamos que estamos bem seguros, pois como se diz «estamos em casa»... e, comtudo, um passo em falso significa uma queda de vinte ou quarenta métros sôbre um pavimento de concreto! Julgo que esta é a tarefa mais perigosa, e creio que todos os demais pensam como eu».

Orita Lage

«Invicta Cine» é a revista cinematográfica de maior expansão no Norte do País.

OLYMPIA

apresenta na proxima 2.^a feira o
interessantíssimo fonofilme produzido
pela "M. G. M"

Vida Nocturna

com os conhecidos e consagrados artistas
Stan Laurel, Oliver Hardy, William Haines,
Joan Crawford e Karl Dane

JARDIM PASSOS MANUEL

HOJE - Às 9 1/2 - HOJE

o grandioso filme falado e cantado

DIAS FELIZES

Super-produção com os principais artistas
da FOX-FILM, entre os quais

JANET GAYNOR, CHARLES FARREL, EL BRENDEL, etc.

Preços populares



M

MATOU!

PRODUÇÃO
NERO-FILM
DISTRIBUIÇÃO

DA

A OBRA-PRIMA
DE
FRITZ LANG

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA LDA